

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do BrasilClass.: BLX-Prod. CulturalData: 25/11/88Pg.: 645

Índios atacam

■ Iawalapitis dizem que foram lesados na filmagem de 'Kuarup'

TRÊS índios da tribo Iawalapiti, do Alto Xingu, liderados por Pira, chefe do posto da Funai na região, e Sandra Wellington, caraíba que desde o começo do ano mora na aldeia Iawalapiti, vieram ao Rio rebrater notícias publicadas em vários jornais do país sobre o relacionamento dos índios com a produção do filme Kuarup, de Ruy Guerra. O filme, baseado no livro homônimo do escritor Antônio Callado, foi em parte rodado no Alto Xingu, durante cinco meses, e os índios de lá não apenas acolheram as 150 pessoas da produção como trabalharam como operários, figurantes e atores. Eles acham que foram explorados pela Graphos, a principal produtora, e que as reportagens foram "extremamente preconceituosas" em relação aos índios.

Segundo Pira, os jornalistas que, em fins de setembro, viajaram para o Alto Xingu a convite dos produtores de Kuarup, não se preocuparam em conversar com os índios sobre as condições de sua convivência com o

set de filmagens, "limitando-se a reproduzir os pontos de vista do pessoal de lá". Isto, para ele, fez com que as reportagens transmitissem "a visão distorcida que os brancos, em geral, têm do índio". Pira explica: "Disseram que a gente abandonou nossos hábitos alimentares e que só queríamos a comida do acampamento, que roubávamos coisas dos brancos, que insistíamos em trocar objetos indígenas por objetos de branco e que sempre pedíamos mais dinheiro do que o combinado. Pisaram em nossa imagem e nem nos escutaram". Um exemplo? "Escreveram que exigimos comida de branco para o Kuarup. Mas no nosso costume, quem convida para a festa entra com a comida, que deve ser típica, e foram eles que a pediram", argumenta ele. A principal ressalva que Pira faz diz respeito ao pagamento pela participação dos índios no filme. "Ao contrário do que foi dito, fomos enrolados o tempo todo", afirma ele. "Pra começo de conversa, nós não estamos acostumados a fazer reuniões de negócios e nem mesmo a tratar com dinheiro, pois nossas comunidades são, em geral, autosuficientes. E na nossa aldeia, só uns três ou quatro falam português direito. Eles chegaram, falaram que o filme não visava lucro, era só para ajudar nossa causa, começaram a filmar e deixaram os acertos para depois". Pira diz que eles receberam, "após muita luta", Cz\$ 1.400.000 pela festa do Kuarup; e duas balsas ("que não funcionam mais"), dois Toyotas, uma TV para o posto da Funai, um gerador e alguns motores de popa ("também quebrados") pela participação de todos os índios como figurantes.

Sobre o uso do espaço da aldeia e a participação deles na comercialização do filme (direito de imagem), Pira denuncia que não houve acerto e que "provavelmente" eles serão "logrados mais uma vez". Segundo ele, os índios que trabalharam "com a maior boa vontade" na montagem dos acampamentos e no set, receberam inicialmente por volta de Cz\$ 1.000 por dia de trabalho ("que durava de quatro até 18 horas"), depois cerca de Cz\$ 6.000. Os cinco atores índios ganharam menos da metade do prometido (Cz\$ 30.000). Ele conta que, em uma das inúmeras reuniões de negociação, um dos produtores disse a eles que "mais um pouco e índio vai querer receber tanto quanto os brancos". Além disso, Pira afirma que a produção usou durante três meses balsas e barcos dos índios, sem pagar nada, enquanto "diminuíram do pagamento total dinheiro correspondente às coisas deles que usamos".

O pior, na opinião de Pira, é que "a vida na aldeia se transformou totalmente com a estada do pessoal do filme". Ele conta: "Todo mundo passou a trabalhar para eles, deixando de lado a lavoura e a pesca; acabou faltando alimento, porque as mulheres e as crianças não comiam no bandeirão da equipe. E a aldeia virou uma estância turística em cada fim de semana, quando chegavam vários aviões com convidados da produção." O resultado, descrito por ele, é que ainda hoje, um mês depois da partida do set de Kuarup, quilos de lixo se acumulam na aldeia e nos riachos, "onde todo mundo vê copos e garrafas de plástico boiando". A equipe do filme, segundo ele, também promoveu festas com bebidas alcoólicas, que são proibidas no Parque Nacional do Xingu. Na definição de Pira, "os brancos vieram para nossa terra, trouxeram o pior da sua civilização, atrapalharam nossa vida e impediram muitas vezes a gente de entrar em áreas da nossa própria aldeia".

"É feio fazer isto, principalmente na casa dos outros", critica Pira. As acusações feitas a Sandra Wellington, de que ela teria hostilizado a produção e os jornalistas e de que seria amante do cacique Aritana, dos Iawalapitis, Pira rebate dizendo que os produtores falam isso porque Sandra, a pedido dos índios, participou das negociações, defendendo-os. "Ela apenas dormia, como convidada, na casa de Aritana — junto com mais 45 pessoas da nossa família". Pira faz uma avaliação radical da experiência de convivência com a produção de Kuarup. "Muita gente falou que o filme vai ser bom para nós, que vai nos ajudar. Pode ser, mas para nós as filmagens não foram uma boa, foram péssimas. Teve muita fofoca, muita safadeza. Nos sentimos invadidos, ultrajados", afirma.